

POLÍTICA ECONÔMICA

Vendas mantêm ritmo e surpreendem

Comércio e indústria têm bons resultados neste final de mês e há indícios de que recuperação pode continuar no segundo semestre.

ISABEL DIAS DE AGUIAR



Março chega ao final sem diminuição do ritmo de vendas, o que contraria as expectativas de muitos empresários da indústria e do comércio. O prognóstico era de que o ânimo do consumidor para sair às compras terminaria em meados do mês, junto com o salário. O faturamento da maioria das empresas, porém, continuou apresentando bons resultados depois do dia 20. Não houve saques nas cadernetas de poupança. Ao contrário, as aplicações nos primeiros 12 dias do mês cresceram 2,5% em relação a fevereiro, segundo dados da Associação Brasileira das Empresas de Crédito Imobiliário e Poupança (Acresp).

"O Brasil é mesmo o País dos paradoxos", disse o empresário Boris Tabacof, do Departamento de Economia da Federação

das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp). "É um enigma para ser decifrado pelos economistas", afirmou. "Acho que empresários e consumidores se cansaram de esperar as coisas melhorarem." Ele acredita que os sinais emitidos pelo presidente, "no seu modo peculiar", de que deseja o fim da recessão, foram suficientes para motivar os negócios. "Não há nada claro no horizonte, mas pode-se notar que ocorreram mudanças no astral da população."

Confiança — Alguns sinais positivos mostram que a tendência de recuperação da economia pode alcançar os próximos meses e, numa hipótese mais remota, o segundo semestre. A indústria coleciona o que alguns dirigentes de empresa chamam de comunicados de "intenções de compra" de clientes. Não há encomendas, nos moldes convencionais. Os clientes apenas sondam os fornecedores se serão atendidos, caso venham a apre-

sentar pedidos no futuro, especialmente nos setores de produção de insumos e matérias-primas. As manifestações, segundo o empresário Nildo Masini, já são suficientes para que o mercado comece a se agitar. "O efeito disso é no campo psicológico, o que contribui para um clima de confiança na economia."

Não há números fechados, mas muitos comerciantes falam em crescimento de vendas de até 20% em março, em relação a igual período do ano passado, e entre 10% e 15% sobre fevereiro. Os índices, diz Oiram Corrêa, assessor da Federação do Comércio do Estado, não têm significado expressivo. Março de 1992 foi o pior mês do ano e o pior março desde 1979. Fevereiro de 1993 também desvirtua as comparações, porque o mercado foi afetado pelo carnaval e pelo reduzido número de dias úteis para a realização de negócios. Mesmo assim, reconhece que houve efetivamente uma retomada da atividade econômica.

Governo segue sem rumo e sem pla

ROLF KUNTZ

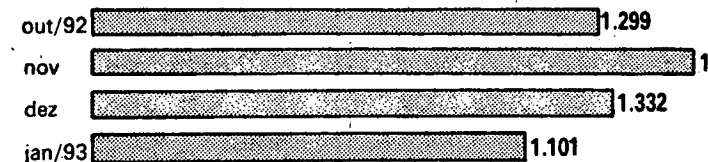
O presidente Itamar Franco vai completar seis meses de mandato sem plano econômico, sem rumo financeiro e com o Tesouro em situação mais precária do que no dia de sua posse como interino. Na semana passada, uma equipe do Fundo Monetário Internacional (FMI) partiu para Washington sem ter podido examinar um programa brasileiro de ajuste. Não havia sequer um orçamento para apresentar aos técnicos. Se não houver acordo com o Fundo, a renegociação com os bancos credores (ler na página ao lado) poderá ficar comprometida e será preciso começar tudo de novo.

O orçamento federal de 1993 deverá ser votado até dia 30, com mais de três meses de atraso. Deveria ter entrado em vigor dia 1º de janeiro. Se for aprovado como está, será um roteiro para o descalabro. Juros e rolagem da dívida federal deverão consumir 66,9% da receita. Disto os congressistas podem ser inocentes. Mas eles destruíram o que puderam. Das verbas a seu alcance, pulverizaram tudo em gastos miúdos e praticamente inúteis. Das 75 mil emendas apresentadas, sobraram umas 6.500: foi esse o loteamento possível, segundo os critérios da Comissão de Orçamento.

Rateio — O ganho previsto pelo governo, com base na reforma tributária, já foi rateado. O orçamento revisto pelo Congresso já incorpora US\$ 3 bilhões de arrecadação adicional do Imposto de Renda das Pessoas Jurídicas. Nem a remuneração dos depósitos do Tesouro no Banco Central — dinheiro acumulado com superávits de caixa — escapou. Foi reestimada, incluída no projeto e distribuída. Quanto ao imposto sobre o cheque, ainda não regulamentado, não ficará à disposição do Tesouro para cobrir buracos financeiros. Parte será gasta em projetos "so-

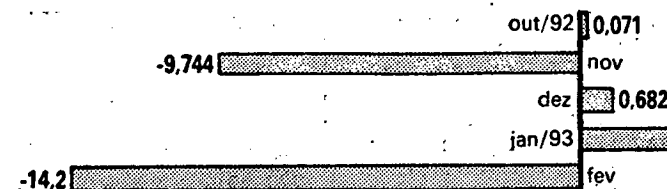
Comércio ainda com folga

Saldo da balança comercial — (US\$ milhões FOB)



O tesouro em perigo

(Cr\$ trilhões)



ciais". Mas o orçamento não incluía provisão para a isonomia salarial ou para a correção dos benefícios da Previdência.

Déficit — Em fevereiro, as contas do Tesouro foram fechadas com um déficit de caixa de Cr\$ 14,2 trilhões. O Tesouro precisou sacar o dinheiro de seu depósito no BC — aquela mesma reserva reestimada e incluída no rateio de verbas pelo relator do orçamento. As despesas voltaram a crescer em março e só com grande esforço pode ter sido evitado novo déficit. O reajuste salarial do funcionalismo ainda não está decidido. Qualquer generosidade poderá abrir um rombo nas contas federais.

Está em risco, portanto, o controle monetário, principal instrumento do governo para frear a inflação. Nos últimos dois anos, o superávit de caixa do Tesouro neutralizou, em parte, a emissão de dinheiro. Sem esse fator, a política monetária entrará em colapso. Se a reativação da economia se prolongar, a arrecadação deverá cres-

cer, mas o equilíbrio da continuidade da depender tensão de gastos.

Teste — Será um duro teste para o ministro da da. Se o ingresso de dólar diminuir, como ocorreu no primeiro trimestre, ficará difícil administrar a moeda. O BC terá de emitir mais moedas para absorver os juros principais da menor em dólares, tem estimulado a circulação nos mercados d

A reforma fiscal, em baseava a esperança de uma recuperação econômica neste ano. A próxima tentativa, Resende, será na revisão constitucional. Antes disso, a inflação não será controlada. Por enquanto, só se tem pedir seu crescimento ao governo, insistiu, não corra, tabelará ou congelará. A perspectiva, nesse de pelo menos mais uns meses de política feijão com arroz. Mas a despesa da política econômica está quase vazia